

Valores

O país dos "camarades"

Paulo Moura

Os milhares de migrantes espalhados por África a caminho da Europa vivem atormentados pelas fronteiras. A elas se reduzem os desafios da sua existência. Cruzar, uma após outra, fronteiras impossíveis, da Nigéria ao Togo, do Burkina ao Mali, da Argélia a Marrocos, até à mais quimérica e lendária, a última, a celestial fronteira da Europa. Fronteiras são a sua vida e, no entanto, na sua mente não existem fronteiras.

Costumo pensar neles como num país. O país dos «*camarades*», nome que dão em Marrocos aos imigrantes africanos ilegais e que eles próprios adoptaram para si. Têm diferentes nacionalidades, línguas e religiões. Vêm de todos os cantos de África e espalham-se pelo continente em rotas sinuosas e estações esquecidas. A certo ponto do percurso, deitam fora os passaportes ou quaisquer documentos de identificação. Não se sabendo de onde são, ninguém os poderá deportar para lado nenhum: é por isso que se desembaraçam dos papéis, mas a verdade é que esse gesto simbólico os faz atravessar uma nova fronteira. Entram no país dos «*camarades*».

Caminham centenas de quilómetros pelo deserto, para chegarem a certos pontos, onde é possível esperar pelo próximo camião, pela próxima caravana clandestina organizada pela máfia. Há centenas destas estações nos locais mais inóspitos, mais desconhecidos. Nalgumas, sobrevivem milhares de pessoas, com as suas famílias, as suas crianças, os seus doentes, durante anos. Estas estações são as cidades do país dos «*camarades*». Não Dakar, Timbuctu, Argel, Casablanca ou Tânger, que atravessam como sonâmbulos. As estações, cujo mapa todos conhecem de cor, são as cidades de um país que tem as suas tradições, a sua cultura, a sua economia e também a sua política.

Ninguém conhece com exactidão nem compreende as leis deste país excepto os seus cidadãos. Passa-se o mesmo, aliás, com a generalidade dos países. Só quem os habita a tempo inteiro sabe, por exemplo, que regras são mesmo para cumprir e quais as que se podem esquecer, as que servem para manter a ordem e aquelas cuja função é criar a desordem essencial que alimenta a arbitrariedade e a prepotência. Também no país dos

«*camarades*», que se organiza espontaneamente em função de um objectivo utópico, há arbitrariedade e prepotência.

Criam-se hierarquias e métodos cruéis e em certas estações, como por exemplo na floresta de Ben Yunes, nos arredores de Ceuta, os migrantes reproduzem mesmo as fronteiras de África, as mesmas que acabaram de atravessar clandestinamente, sem qualquer respeito pela sua legitimidade. Dividiram o terreno em zonas, pelas quais se distribuíram de acordo com a sua origem étnica. Chamaram-lhes «Nigéria», «Senegal», «Mali» ou «Guiné» e para cada um desses «países» elegeram um líder.

É difícil perceber por que fizeram isto, mas terão as suas razões. Nós, estrangeiros a este país obscuro mas soberano, não temos direito de ingerência. O objectivo final, esse é claro: chegar à Europa, a utopia em nome da qual ganha sentido toda a organização, todos os expedientes, toda a saga.

Para os migrantes, a Europa é um sonho e, como tal, muito diferente da realidade. Ainda que eles conheçam a realidade. O facto é que vêm para além dela. A sua Europa é um mundo onírico e total. Ao contrário do que se pensa, não é a riqueza que os atrai: é a justiça. Na Europa deles há igualdade de oportunidades, respeito por todas as etnias e culturas, valorização do mérito, solidariedade com os mais fracos, investimento no ensino, transparência na política, um projecto colectivo e o culto do indivíduo. Riqueza existe na Nigéria ou em Angola, de onde fogem. Na Europa, o que procuram é a equidade, a dignidade do ser humano, que nunca perdem de vista.

Essa Europa, é claro, não tem fronteiras. É uma ideia. Um país aberto a quem mereça pertencer-lhe. E merece quem nele acredita. Quem dele souber estar à altura. É por isso que a candidatura do país dos «*camarades*» à União Europeia deve ser considerada seriamente.

A grande conquista da UE foi ter conseguido que cada Estado desistisse de se ver como um fim em si mesmo. Aos poucos, os países transformam-se em peças de uma grande construção. Talvez etapas do percurso que nos levará a um sonho, tal como as estações dos migrantes, dispersas na solidão das estepes, as savanas e o deserto.

Conheci algumas dessas estações. Não são lugares que se recomendem. Mas foi muitas vezes ali, em conversas intermináveis na noite gelada, rodeados de morte por todos os

lados, que vi uma chama viva a bailar nas sílabas da palavra «Europa». É uma chama tão intensa, que aquece todo o país dos «*camarades*».

É tranquilizador saber que ela existe. Em certas noites muito límpidas, se olharmos à nossa volta, é mesmo possível vê-la brilhar ao longe.